

SAÚDE MENTAL E A DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS E REFLEXÕES SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Rodrigo Augusto de Souza¹
Thainá da Silva Peixoto²

Eixo 1 – Formação e Desenvolvimento Profissional Docente

Resumo: O presente estudo, resultado de trabalho acadêmico na disciplina da Educação e Trabalho do curso de Pedagogia, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, procura refletir sobre o impacto do trabalho docente na saúde mental, através da obra "O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de Interações humanas" de Maurice Tardif e Claude Lessard e "Carta de Paulo Freire aos professores" e "Pedagogia do Oprimido", de Paulo Freire. A partir da análise de uma entrevista com uma professora da rede pública, este ensaio busca refletir sobre os impactos do trabalho docente na saúde mental, especialmente na Educação Infantil, destacando os desafios enfrentados, as condições de trabalho, a sobrecarga emocional e as estratégias que os profissionais desenvolvem para enfrentar essa realidade.

Palavras-chave: Docência; Saúde Mental; Trabalho Docente.

Introdução

O presente trabalho é resultado de trabalho da disciplina da Educação e Trabalho do curso de Pedagogia, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, a pesquisa tende a refletir sobre o impacto do trabalho docente na saúde mental, através da obra "O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de Interações humanas" de Maurice Tardif e Claude Lessard e "Carta de Paulo Freire aos professores" e "Pedagogia do Oprimido", de Paulo Freire.

A partir da análise de uma entrevista com uma professora da rede pública, este ensaio busca refletir sobre os impactos do trabalho docente na saúde mental, especialmente na Educação Infantil, destacando os desafios enfrentados, as condições de trabalho, a sobrecarga emocional e as estratégias que os profissionais desenvolvem para enfrentar essa realidade. Este tema torna-se ainda mais relevante diante dos relatos crescentes de adoecimento mental entre professores, realidade que exige não apenas reflexão, mas também ações concretas por parte das instituições e da sociedade.

A docência para além da sala de aula e as interações humanas

As relações constituem a docência, que vai além de uma profissão isolada e mecânica, trata-se de uma prática social, marcada por interações entre professores, famílias, com as crianças, e com a gestão escolar, professores e a sociedade. Os educadores assumem a responsabilidade de ser um mediador de relações humanas, criando vínculos, resolvendo diversos conflitos e adaptando suas práticas pedagógicas conforme as identidades e as dificuldades de seus alunos.

Na área da educação infantil, a função do professor se torna mais abrangente. Ele não se limita apenas a ensinar, cuidar e estabelecer regras. Sua atuação inclui a escuta atenta da criança e o acompanhamento cuidadoso do seu desenvolvimento nos aspectos emocional, cognitivo e social. Para isso, são essenciais sensibilidade, empatia e um grande equilíbrio emocional. Os professores frequentemente se deparam com questões que vão além das práticas pedagógicas, como problemas familiares dos alunos, problemas sociais, dificuldades

¹ Professor adjunto da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Participante do Grupo de Pesquisa Subjetividade, Filosofia e Psicanálise (CNPq/UFMS)

² Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

emocionais e desafios de convivência no ambiente escolar. Nesse cenário, o desgaste emocional torna-se uma constante no dia a dia dos docentes. Isso é ainda mais acentuado pela sobrecarga de tarefas e pela insuficiência de apoio institucional.

O docente se assemelha mais a um ator social do que a um agente da organização. Sua identidade é menos definida por seu papel codificado do que por suas relações humanas cotidianas com seus alunos e seus colegas de trabalho; sua situação tem menos a ver com o organograma da organização do que com as negociações diárias com os outros agentes educativos (Tardif; Lessard, 2012, p. 45).

Esta realidade expressa claramente uma das características centrais do trabalho docente, em que o professor se assemelha mais a um ator social do que a um agente da organização, pois sua identidade profissional é construída muito mais pelas relações humanas cotidianas com alunos, colegas e famílias do que por um papel formal definido pelo organograma da instituição. Nesse sentido, grande parte das atividades realizadas no cotidiano escolar, como o cuidado emocional, a mediação de conflitos e o acompanhamento das demandas das famílias, compõem aquilo que os autores chamam de um trabalho relacional, muitas vezes invisível e não reconhecido oficialmente, mas que consome tempo, energia e impacta diretamente na saúde mental dos docentes.

As exigências e os desafios enfrentados na prática docente

A entrevista foi realizada com uma professora da Rede Municipal de Ensino de Campo Grande (MS), que atua na etapa da Educação Infantil. O objetivo da entrevista foi coletar informações sobre a trajetória profissional, formação, condições de trabalho e desafios enfrentados na docência, especialmente após o período da pandemia de COVID-19. A conversa teve duração aproximada de 40 minutos e foi conduzida de forma presencial, respeitando o anonimato da profissional por questões éticas.

A docente foi escolhida por meio de voluntariado, pois demonstrou interesse em contribuir com a pesquisa e possui uma trajetória significativa na área. Com 13 anos de experiência, atua atualmente em regime misto, com 20 horas como professora efetiva e mais 20 horas como temporária. Ela é concursada para o cargo na rede municipal, trabalha em dois períodos e apresenta formação inicial em Normal Médio (magistério), graduação em Pedagogia e pós-graduação lato sensu em Alfabetização e Letramento na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

A análise da entrevista evidencia que o caminho da docência é atravessado por desafios e dificuldades, tanto na formação inicial quanto na atividade da profissão. A professora entrevistada relata que, embora tenha encontrado uma boa base no curso de magistério e na graduação em Pedagogia, percebe que a prática vai muito além do que se aprende na teoria, tanto na formação inicial quanto no exercício da profissão. Essa constatação se alinha ao pensamento de Paulo Freire, que defende que a prática docente deve ser constantemente analisada e ressignificada.

Sua experiência docente, se bem percebida e bem vivida, vai deixando claro que ela requer uma formação permanente do ensinante. Formação que se funda na análise crítica de sua prática (Freire, 2001, p. 260).

Dessa forma, é no exercício diário da docência que se revelam os reais desafios da profissão. A convivência com situações imprevisíveis, como a indisciplina, a pressão por resultados e a falta de reconhecimento institucional, exige do professor não apenas preparo técnico, mas sobretudo a capacidade de refletir criticamente sobre sua prática. É nesse processo

contínuo de enfrentamento e ressignificação que se concretiza a formação docente, como aponta Freire ao destacar que a experiência educativa, quando bem vivida, revela a necessidade de uma formação permanente sustentada pela análise crítica do fazer pedagógico.

A sobrecarga de trabalho também é um fator destacado na entrevista. A professora relata que, apesar de ter direito a horas destinadas ao planejamento, muitas vezes esse tempo é ocupado por reuniões, formações ou outras demandas, obrigando o professor a levar trabalho para casa. Segundo ela, “muitas vezes, o tempo de planejamento não é suficiente, e acabamos trabalhando fora do horário, o que contribui para o desgaste”.

Esse relato dialoga com a análise de Tardif e Lessard (2012), que descreve o cotidiano do professor como profundamente marcado pela intensificação do trabalho e pela fragmentação do tempo. Segundo o autor, “o tempo dos professores é um tempo intensivo, composto por tarefas múltiplas, interdependentes, simultâneas e imprevisíveis”. Ele também destaca que o trabalho docente lida com seres humanos como “objeto de trabalho”, e que “as relações entre os trabalhadores e as pessoas constituem o processo de trabalho, o qual consiste em manter, mudar ou melhorar a situação humana das pessoas”. Essa dinâmica contribui para o acúmulo de funções, dificultando a realização de um trabalho planejado e equilibrado, e agravando os níveis de estresse e esgotamento, diante disso, a organização do trabalho docente é, muitas vezes, invisível para a sociedade.

A saúde mental dos professores tem se destacado como uma questão central no contexto educacional contemporâneo, revelando o impacto significativo das condições de trabalho sobre essa categoria profissional. Diversos estudos indicam que o adoecimento mental dos docentes é agravado pela sobrecarga emocional, pela falta de reconhecimento profissional e pelas condições precárias às quais estão submetidos, aspectos amplamente discutidos por Tardif (2012).

Além disso, a dimensão humana e existencial do ato de ensinar exerce um papel fundamental nesse processo. Paulo Freire (1993), em sua obra *Carta aos Professores*, adverte sobre o risco de esgotamento e desumanização da prática docente quando o professor perde o sentido do seu fazer. Para Freire, é imprescindível que o educador mantenha o ensino como um gesto intrinsecamente ligado à paixão, à crítica e à esperança, elementos que conferem vitalidade e sentido à sua atuação. A perda dessa dimensão existencial contribui inevitavelmente para um desgaste profundo, afetando não apenas a saúde mental, mas também a qualidade do trabalho docente.

Possíveis caminhos para o enfrentamento do adoecimento docente

Diante desse cenário de adoecimento, torna-se necessário repensar as condições de trabalho dos professores e adotar políticas públicas que garantam suporte emocional, formação continuada e valorização profissional. A construção de redes de apoio dentro das escolas, com gestão participativa, acolhedora e que promova o bem-estar dos profissionais, é uma estratégia fundamental e saudável.

Essa perspectiva coletiva da educação transcende o mero ato de ensinar e aprender, exigindo que se reflita profundamente sobre o cuidado a quem se dedica a educar. Torna-se imperativo que as instituições escolares se transfigurem em verdadeiros lugares de colaboração, escuta ativa e apoio incondicional, nos quais o professor não seja compelido a enfrentar as adversidades em um isolamento silenciador.

Ademais, práticas como acompanhamento psicológico, valorização dos tempos de planejamento, redução da burocratização e investimento em melhores condições físicas e materiais nas escolas podem contribuir significativamente para a preservação da saúde mental dos docentes.

Considerações Finais

A partir da análise da entrevista, vinculada às reflexões de Tardif e Paulo Freire, torna-se evidente que o trabalho docente especialmente na Educação Infantil está profundamente marcado por demandas emocionais, sociais e pedagógicas que extrapolam a dimensão técnica da profissão. Ensinar não é apenas transmitir conteúdos, é estabelecer vínculos, lidar com fragilidades humanas e sustentar, diariamente, uma prática que exige sensibilidade, escuta e disponibilidade afetiva.

Como ressalta Tardif, a docência é uma profissão de interações humanas, e, nesse sentido, exige muito mais do que domínio de métodos e conteúdos, exige equilíbrio emocional, resiliência e, muitas vezes, a capacidade de continuar, mesmo diante do esgotamento. O sofrimento psicológico que acomete tantos docentes, não pode ser compreendido como uma fragilidade individual, mas como um reflexo de um modelo de trabalho que cobra intensamente, seja em reconhecimento, seja em condições materiais e simbólicas.

Paulo Freire nos lembra que, quando o professor perde o sentido do seu fazer, a prática pedagógica se torna árida e desumanizada. Por isso, é preciso que a sociedade, os gestores e as políticas públicas voltem seu olhar para o cotidiano escolar com mais escuta e sensibilidade. Cuidar de quem educa é garantir não apenas melhores condições de trabalho, mas preservar a potência transformadora da educação. É oferecer ao professor a possibilidade de continuar ensinando com saúde, dignidade e esperança.

Referências

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 2006

FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. **Estud. av.** [online]. 2001, vol.15, n.42, pp. 259-268.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

GADOTTI, M. **Convite à leitura de Paulo Freire**. 2 ed. São Paulo: Scipione, 2004.

GADOTTI, M. **Paulo Freire: A prática à altura do sonho**. Disponível em: http://www.paulofreire.org/Moacir_Gadotti/Artigos/Portugues/Gadotti_sobre_Freire/A_pratica_altura_sonho_1996.pdf. Acesso em: 04 jul. 2025.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

Anexos

Roteiro para entrevista com docente

Entrevista com professores da rede pública

Identificação: nome, formação, trabalho (efetivo ou temporário), e rede municipal, estadual ou federal; Nome omitido por razões éticas.

Atuo na Rede Municipal de Ensino de Campo Grande/MS, na etapa da Educação Infantil, sendo 20hrs como efetiva e 20hrs temporária. Tenho formação na modalidade Normal Médio (magistério), Pedagogia e Pós-Graduada em Alfabetização e Letramento na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental

Fale sobre sua formação profissional. Onde estudou? Quais as dificuldades encontradas durante sua formação?

Minha formação na área da educação teve início em 2006 quando iniciei o curso de Normal Médio (magistério) junto com o ensino médio regular com duração de quatro anos no Colégio Estadual Presidente Castelo Branco -Toledo (PR), foi bem difícil realizar esse curso pois eram muitas horas de estágio, trabalhos e outras demandas que exigiam muito dos alunos.

Logo após eu me formar fui trabalhar em outras áreas, em empresas privadas, trabalhei em um frigorífico e um hospital psiquiátrico, pois na época era difícil conseguir emprego apenas com a formação do Normal Médio. Em 2009 realizei um concurso público na área da educação a nível de magistério e ensino superior, passei nesse concurso e assumi em 2011 na Educação Infantil, nessa mesma época comecei a minha graduação em pedagogia.

Cursei minha graduação em pedagogia na Universidade Norte do Paraná, foi um curso tranquilo pois todos os conteúdos eu já havia estudado no magistério e já trabalhava na área o que facilitou a minha vida. Logo depois, cursei a Pós-Graduação em Alfabetização e Letramento na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental – Faculdade de Ensino Superior de São Miguel do Iguaçu.

Segui trabalhando nessa área e fui realizando outros concursos em diferentes áreas e estados, passei em vários concursos, mas por questão salarial preferi continuar no que eu já estava. Até que passei no concurso de 2016 na cidade de Campo Grande MS e por questões salariais, resolvi assumir e mudei da minha terra natal, para Campo Grande em 2018, onde assumi o concurso de 20 horas na Educação Infantil, como também sigo realizando o processo seletivo e pego aulas complementares de 20 horas.

Você considera suficiente a formação que recebeu? Ela ajudou no seu trabalho como docente hoje? Há muita diferença entre a formação acadêmica e a prática pedagógica na escola?

Minhas formações foram muito boas e o estágio é primordial para a aprendizagem o que contribuiu muito com o trabalho docente, principalmente em relação a didática onde aprendi muitos métodos e técnicas que aplico hoje facilitando a prática pedagógica, mas sempre é necessário estar estudando principalmente em relação ao comportamento infantil. Existe sim uma diferença entre a formação acadêmica e a prática pedagógica na escola, por isso é tão importante o aluno realizar todos os estágios para ver se realmente é a formação acadêmica que deseja, pois na teoria os conflitos são resolvidos facilmente, já não prática está cada dia mais difícil lidar com o comportamento dos alunos e com seus familiares.

Conte-nos como você chegou ao cargo de professor(a) da rede pública? Foi por meio de concurso público?

Idem com a pergunta 2.

Quais foram suas dificuldades para o seu ingresso no magistério da rede pública? Ingressei na rede pública através de concurso público e processo seletivo, a dificuldade está em conseguir passar nas provas porque estão cada dia mais difíceis e concorridas, pois quando o salário é atrativo vem pessoas de todas as regiões do país, e outra questão são as bancas avaliadoras algumas provas vem com muitos erros prejudicando quem está fazendo o concurso.

Sobre o seu salário. Você considera o salário adequado às suas necessidades como docente? Precisa complementar a sua renda com outras formas de trabalho?

Na atual situação financeira do país, acho que o salário do professor está sim defasado, visto que o imposto de renda consome boa parte do salário. Como também o professor para lecionar precisa investir em formações, transporte, internet, computador, entre outros materiais pedagógicos, pois muitas vezes não chegam recursos suficientes para as escolas. Sendo boa parte do seu salário gasto para poder lecionar.

Há diferença entre os professores temporários e efetivos na escola pública? Em caso afirmativo, quais são essas diferenças?

Existe sim uma diferença entre professores efetivos e professores temporários, na questão da estabilidade, pois o professor concursado consegue trabalhar de forma mais segura ganhando seu salário todos os meses, já o professor temporário trabalha sob pressão com medo de perder aulas e ficando alguns meses sem receber salário.

Segundo a sua opinião, quais são as principais dificuldades para o seu trabalho como docente? Estou a 13 anos atuando na Educação Infantil, gosto de estar em sala de aula, mas admito que no decorrer dos anos está a cada dia mais difícil ser professor, as crianças estão mais agitadas e dispersas, passamos boa parte do tempo resolvendo conflitos o que causa um desgaste emocional.

Como você prepara suas aulas e realiza atividades docentes fora da sala de aula? Temos o horário garantido por lei de hora atividade, mas muitas vezes não é o suficiente para realizar todas as demandas, pois temos que dividir esse horário entre o planejamento, relatórios, algumas vezes tem reuniões com pais, ou no dia do planejamento tem uma Formação Continuada, então em alguns momentos acabamos levando serviço para casa.

A docência foi uma opção para você? Por que tornou-se professor?

A docência não foi uma opção da qual eu queria, sempre gostei da área do direito. No entanto, como vim de uma família humilde e não tive condições de pagar o curso de direito, continuei aproveitando as oportunidades que me apareciam, então segui na área da educação e hoje aprendi a gostar do que faço, apesar de todas as dificuldades encontradas em ser professora, gosto de estar em sala de aula.

Você sente-se valorizado como professor (a)? Seja pelo Estado ou pela sociedade? Eu me valorizo enquanto professora, acredito que o professor deve conhecer muito sobre as leis referentes à educação, para assim saber das suas obrigações, como também dos seus direitos. Só assim ele vai ser valorizado e respeitado.

E a relação professor(a) e aluno(a). O professor (a) é uma autoridade em sala de aula? É respeitado (a)? Quais são as dificuldades encontradas?

Na educação infantil o professor é uma referência em sala de aula, é respeitado e amado por grande parte das crianças. No entanto isso não quer dizer que não tenham as dificuldades diárias, turmas agitadas, alunos que apresentam agressividade, entre outras questões.

Como é a relação com a gestão da escola? Fale sobre a direção e a coordenação pedagógica. Já trabalhei em lugares onde encontrei problemas com a gestão e coordenação, por isso é importante o professor saber das suas obrigações e de seus direitos, para saber o que é função do professor e o que não é função do professor evitando abusos e sobrecarga de trabalho. No local onde trabalho atualmente, é um ambiente tranquilo, a diretora e as coordenadoras pedagógicas tratam os profissionais com respeito, tornando o ambiente saudável e tranquilo para se trabalhar.

O seu trabalho é avaliado pelos alunos(as), pela escola ou pelo Estado? Todo o meu trabalho tem a supervisão da coordenação pedagógica, sendo refletido e observado no desenvolvimento das crianças.

Como você avalia o seu trabalho?

Como eu disse anteriormente não é a profissão que eu almejava, no entanto como os meus caminhos foram me direcionando para a educação, eu busco realizar um bom trabalho como professora, com responsabilidade, carinho, paciência e respeito por todos.

Você já teve algum problema de saúde ocasionado pelo seu trabalho como docente? Precisou de afastamento para tratamento de saúde? Poderia nos falar sobre isso? Como você avalia a sua saúde (física e mental)?

Atualmente, depois de treze anos lecionando, estou tendo crises de ansiedade, tomo medicação para controlar, busco fazer atividades físicas. Porque o trabalho na educação infantil exige muito mentalmente e fisicamente, então o professor deve cuidar da saúde, buscar também uma atividade para relaxar e para sair um pouco da rotina e evitar pensar em trabalho quando estiver de folga.

Sobre o trabalho docente após a pandemia da COVID-19

Quais foram as principais dificuldades encontradas durante o seu trabalho como docente na pandemia de COVID-19?

As principais dificuldades foram na elaboração de vídeos e domínio tecnológico, mas sempre tivemos um bom apoio e suporte da escola e da SEMED.

Como você avalia o retorno das atividades presenciais? Como está sendo o trabalho docente no pós-pandemia?

O retorno foi apreensivo, mas tivemos todos os cuidados exigidos, foi bom retornar e poder estar em contato com os alunos, vivenciando a troca de experiências. No entanto percebe-se no geral que as crianças estão mais agitadas e dispersas, talvez pelo excesso de telas e por todo o isolamento social.

OBSERVAÇÕES

O professor/a é livre para realizar ou não a entrevista; A participação é voluntária; Por razões éticas, deve-se evitar ataques pessoais. Toda vez que se fizer necessário, o nome dos envolvidos pode ser protegido pelo anonimato ou por um nome fictício, que deve ser justificado em nota de rodapé. O/a docente pode solicitar o anonimato para participar da pesquisa. O nome da escola, se for o caso, também pode ser omitido. A pesquisa deve garantir que a privacidade dos participantes seja preservada, bem como a sua idoneidade.

Campo Grande – MS, 23 de março de 2025.